

Volume
31/2
ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

**História Pública: caminhos para a
democratização do conhecimento já disponível!**

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Maurício Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*

Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*

Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendente de Gestão da Informação e

Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento

Interinstitucional: *Vinicius Farias Campos*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*

Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

**Núcleo de Documentação História da UFPEL –
Profa. Beatriz Loner**

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

**História em Revista - Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica – Profª. Beatriz Loner**

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

Profa. Dra. Márcia Janet Espig

Prof. Dr. Jornas Vargas

Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

*Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile*

Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa

Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)

Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)

Profa. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de Coimbra)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)

Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)

Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)

Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)

Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Lorena Almeida Gill (UFPEL); Alice da Conceição Teixeira (UFPEL); Flaviano Batista Ferreira (UFPEL)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Trápiche da praia do Laranjal (Pelotas-RS). Foto: Paulo Koschier

Pareceristas ad hoc: Aldenize da Silva Ladislau (UFPB); Amanda Chiamenti Both (PUCRS); Amanda Motta Castro (FURG); Ana Lúcia Costa de Oliveira(UFPEL); Ângelo Rodrigo Silva Pinheiro (UFF); Anselmo Alves Neetzow (FURG); Artur

Henrique Franco Barcelos (FURG); Caiuá Cardoso Al-Alam (UNIPAMPA); Daniel Ferreira da Silva (UEM); Darcylene Pereira Domingues (UFPel); Dayane Nascimento Sobreira (UFPB) Eduardo Rocha (UFPel); Felipe Nóbrega Ferreira (UFPel); Felipe Treviso Bresolin (UFRGS); Jivago Correia Barbosa (IPHAN/PB - IFPB); Jonas Moreira Vargas (UFPel); Juarez José Rodrigues Fuão (FURG); Julia Silveira Matos (FURG); Lúcia de Fátima Guerra Ferreira (UFPB); Marciane Ambrósio Benicio (UFPB); Mauro Dillmann Tavares (UFPel); Natália de Oliveira Tavares (USP); Rafael Nóbrega Araújo (UEPB/UFCG); Rafael Teixeira Chaves (UFPel); Taiane Mendes Taborda (UFPel); Vanessa Avila Costa (UFPel); Wagner Silveira Feloniuk (FURG); Wanderlene de Freitas Souza Barros (UFAM); Wilian Junior Bonete (UFPel).

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/2
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel/NDH / Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone/Whatsapp: (53) 3284 3208

Disponível em

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite

Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böettge

Seção de Produção

Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böettge

Catálogo – Madelon Schimmelpfennig Lopes

Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böettge

Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueredo Alves, Alície Martins de Lima (Bolsista)

Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube

Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História Pública : caminhos para a democratização do conhecimento já disponível!) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.2, ago. 2026. – Pelotas: UFPel/NDH, 2026 – 199 p. ; 3 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Conhecimento

CDD: 907



Filiada à ABEU

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 07
A HISTÓRIA PÚBLICA COMO UMA POSSIBILIDADE PARA DEMOCRATIZAR O CONHECIMENTO

PUBLIC HISTORY AS A POSSIBILITY FOR DEMOCRATIZING KNOWLEDGE

Lorena Gill | Alice Teixeira | Flaviano Batista

QUEM DECIDE O QUE SERÁ LEMBRADO? INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, ACERVOS DIGITAIS E O FUTURO DO DIREITO À MEMÓRIA 12
WHO DECIDES WHAT WILL BE REMEMBERED? ARTIFICIAL INTELLIGENCE, DIGITAL COLLECTIONS AND THE FUTURE OF THE RIGHT TO MEMORY

Denis Ramon Funes Flores

COLETÂNEA DO ARQUIVO DO SENADO FEDERAL E OS DESAFIOS DE UMA HISTÓRIA PÚBLICA DENTRO DO PODER LEGISLATIVO 22

FEDERAL SENATE ARCHIVE COLLECTION AND THE CHALLENGES OF PUBLIC HISTORY WITHIN THE LEGISLATIVE BRANCH

Alexandre Alves de Sousa Moreira

“HISTÓRIAS COMPARTILHADAS”: A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PASSADO NA COLEÇÃO DE HISTÓRIA ORAL DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO 35

“SHARED HISTORIES”: COLLECTIVE CONSTRUCTION OF THE PAST IN THE ORAL HISTORY COLLECTION OF THE MUSEUM OF IMMIGRATION OF SÃO PAULO

Pedro Jardel Fonseca Pereira

ARQUIVOS QUE REVELAM: O NDH/UFPEL E SUAS ARTICULAÇÕES ENTRE HISTÓRIA PÚBLICA, DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E HISTÓRIA DAS MULHERES 55

ARCHIVES THAT REVEAL: NDH/UFPEL AND ITS ARTICULATIONS BETWEEN PUBLIC HISTORY, THE DEMOCRATIZATION OF KNOWLEDGE, AND WOMEN'S HISTORY

Andreina Hardtke Corpes

**MEMÓRIA CONTRA O SILÊNCIO: O TRABALHO DA COMISSÃO
UNIVERSITÁRIA DA VERDADE / UFPEL COMO FERRAMENTA PARA A
PRÁTICA DA HISTÓRIA PÚBLICA** **78**

MEMORY AGAINST SILENCE: THE WORK OF THE UNIVERSITY TRUTH
COMMISSION/UFPEL AS A TOOL FOR THE PRACTICE OF PUBLIC HISTORY

Nádia Coelho Kendzerski | Natasha Dias Castelli

**ENTRE O TRABALHO E OS FILHOS: MATERNIDADES E SERVIÇO
DOMÉSTICO NA ESCRAVIDÃO URBANA (RIO DE JANEIRO, 1870)** **95**

BETWEEN WORK AND CHILDREN: MOTHERHOOD AND DOMESTIC SERVICE IN URBAN
SLAVERY (RIO DE JANEIRO, 1870)

Nubia Sotini dos Santos

**ROTEIROS NEGROS NO PARANÁ: ESTRATÉGIAS DE HISTÓRIA PÚBLICA E
ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA** **112**

BLACK ROUTES IN PARANÁ: PUBLIC HISTORY AND ANTI-RACIST HISTORY
EDUCATION

Noemi Santos da Silva | Merylin Ricieli dos Santos

**BABÁ X BORCHES – O POSSÍVEL PRIMEIRO NEGRO DO FUTEBOL
PELOTENSE** **130**

BABÁ X BORCHES – THE LIKELY FIRST BLACK PLAYER IN PELOTAS FOOTBALL

Gabriel Gonçalves Ribeiro

**DA FORMAÇÃO COIMBRA À COORDENAÇÃO IMPERIAL: ELITES,
PROVÍNCIAS E UNIDADE TERRITORIAL NO BRASIL OITOCENTISTA EM
PERSPECTIVA IBERO-AMERICANA** **145**

FROM COIMBRA TRAINING TO IMPERIAL COORDINATION: ELITES, PROVINCES, AND
TERRITORIAL UNITY IN NINETEENTH-CENTURY BRAZIL FROM AN IBERO-AMERICAN
PERSPECTIVE

Thiago Perez Bernardes de Moraes

**O EMPÓRIO DAS ARTES E A PRESENÇA INDÍGENA NO MUSEU DE ARTE
SACRA DO PARÁ: SILENCIAMENTOS E DESAFIOS EDUCATIVOS 168**

THE EMPORIUM OF ARTS AND THE INDIGENOUS PRESENCE AT THE PARÁ MUSEUM OF
SACRED ART: SILENCING AND EDUCATIONAL CHALLENGES

**Diego Pereira Santos | Gabriel Ramos Pacheco | Laís Santos Sousa |
Lorena Botelho de Souza | Mariane Alves Borges**

**ARQUITETURAS DO PROGRESSO: MANAUS, A BELLE ÉPOQUE E O
PROJETO URBANO REPUBLICANO NA AMAZÔNIA 182**

ARCHITECTURES OF PROGRESS: MANAUS, THE BELLE ÉPOQUE, AND THE REPUBLICAN
URBAN PROJECT IN THE AMAZON

**Janderson Gustavo Soares de Almeida | Clodoaldo Matias da Silva |
Maria das Graças Maciel de Oliveira | Denison Melo de Aguiar**

O EMPÓRIO DAS ARTES E A PRESENÇA INDÍGENA NO MUSEU DE ARTE SACRA DO PARÁ: SILENCIAMENTOS E DESAFIOS EDUCATIVOS

THE EMPORIUM OF ARTS AND THE INDIGENOUS PRESENCE AT THE PARÁ MUSEUM OF SACRED ART:
SILENCING AND EDUCATIONAL CHALLENGES

Diego Pereira Santos

Doutor pelo programa de Sociedade e cultura: História, Antropologia, Arte e Cultura pela Universitat de Barcelona (UB, 2023). Professor do curso de licenciatura em História da Universidade do Estado do Pará.

Email: diego.pereira@uepa.br

Gabriel Ramos Pacheco

Graduando do curso de licenciatura em História na Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Email: grpacheco12@gmail.com

Laís Santos Sousa

Graduanda do curso de licenciatura em História na Universidade do Estado do Pará.

Email: laissousa200415@gmail.com

Lorena Botelho de Souza

Graduanda do curso de licenciatura em História na Universidade do Estado do Pará.

Email: lorenabotelhosz@gmail.com

Mariane Alves Borges

Graduanda do Curso de licenciatura em História na Universidade do Estado do Pará.

Email:

marianeborges1441@gmail.com

Resumo. Neste artigo demonstra-se a importância de trabalhar os espaços museológicos como ferramenta de ensino no campo da História, destacando os sujeitos que compõem os processos históricos da capital paraense e as diversas narrativas que sistematizam os complexos patrimoniais da região, com ênfase no foco deste estudo: o Museu de Arte Sacra e a sala nele presente, o *Empório das Artes*. Pretende-se analisar como o museu está estruturado para apresentar exposições relacionadas à cultura regional, especialmente às produções de artefatos indígenas expostas na referida sala. O objetivo é compreender as narrativas que estão presentes diante do museu e, por conseguinte, como estão estabelecidas nas mediações que ocorrem dentro do espaço. A metodologia de pesquisa foi realizada a partir de formulários Google e a realização de entrevistas semiestruturadas, nas quais foi possível estabelecer visões sobre o museu, bem como seus usos, em particular em perspectiva educacional. Por fim, entendemos como a forma estrutural do museu seleciona narrativas, o qual acaba contribuindo para o silenciamento de certos sujeitos.

Palavras-chaves. museu de arte sacra; acervo indígena; silenciamento; ensino de história.

Abstract. This article demonstrates the importance of using museum spaces as a teaching tool in the field of History, highlighting the subjects that comprise the historical processes of the capital of Pará and the diverse narratives that systematize the region's heritage complexes, with an emphasis on the focus of this study: the Museum of Sacred Art and its room, the Emporium of Arts. The aim is to analyze how the museum is structured to present exhibitions related to regional culture, especially the production of indigenous artifacts displayed in that room. The objective is to understand the narratives present within the museum and, consequently, how they are established in the mediations that occur within the space. The research methodology used Google forms and semi-structured interviews, through which it was possible to establish perspectives on the museum and its uses, particularly from an educational perspective.

História em Revista, Volume 31, n. 2, ago./2026, pg. 168 a 181

Artigo recebido em 15/10/2025*. Aprovado em 12/11/2025

Dossiê História Pública: caminhos para a democratização do conhecimento já disponível

Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/about>

* Artigo submetido ao V.31, n. 1, jan./2026 e propositalmente publicado no presente volume

Finally, we understand how the museum's structural form selects narratives, which ultimately contributes to the silencing of certain subjects.

Keywords: museum of sacred art; indigenous collection; silencing; history teaching.

Introdução

O presente artigo investiga o *Empório das Artes* (IMAGEM 1), espaço instalado no interior do Museu de Arte Sacra do Pará (MAS) (IMAGEM 2), tendo como ponto de partida as observações realizadas durante o desenvolvimento da disciplina de Estágio Supervisionado IV, realizada em ambientes de educação não formal. A escolha foi realizada diante do escopo da disciplina que incorpora os espaços que faz parte do Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIMM), vinculado à Secretaria de Estado de Cultura do Pará (SECULT), bem como por nele estar estabelecido um contraste entre a história oficial, presente no acervo, e tentativas de apagamentos e silenciamentos, como será evidenciado.

169

Figura 1. Empório das Artes



Fonte. Lorena Botelho de Souza, 2022.

Figura 2. Museu de Arte Sacra

Fonte. Secretaria de Estado de Cultura e Turismo, 2022.

O MAS está localizado no complexo *Feliz Lusitânia*, no bairro da Cidade Velha, em Belém do Pará. Além do museu, a edificação está integrada à Igreja de Santo Alexandre, originalmente congênere de São Francisco Xavier, com grande destaque para a participação do trabalho de indígenas. A construção foi iniciada pelos jesuítas no século XVII, destinada à instrução e catequese de populações nativas da região. Após a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759, o prédio passou a abrigar o seminário episcopal e, posteriormente, a sede do arcebispado, até ser transformado, em 1998, em museu vinculado ao Sistema Integrado de Museus do Estado do Pará (MELO, 2010).

Atualmente, o MAS preserva elementos arquitetônicos relacionados ao período colonial, com traços marcantes do barroco, além de um acervo composto por pinturas, esculturas e objetos litúrgicos dos séculos XVII ao XIX que refletem a presença missionária e a formação da arte sacra na Amazônia. Contudo, não abriga somente elementos ligados à religiosidade, nele se podendo também destacar a uma exposição permanente de peças arqueológicas que incluem muiiraquitãs (IMAGEM 3) e outros artefatos líticos, evidenciando a presença indígena no espaço museal (NASCIMENTO, 2018).

Figura 3. Muiraquitãs do Espaço**Fonte.** Lorena Botelho de Souza, 2025.

Os museus, de modo geral, não surgem prontos. Nesse sentido, como se observará ao longo do texto, eles resultam de um processo de musealização, marcado, portanto, por processo de inserção social. Essa compreensão relaciona três ramificações: a seleção, a tesauroização e comunicação. O primeiro está relacionado com o momento em que o objeto é retirado de sua condição original, tendo como fundamento o reconhecimento de seu valor; a tesauroização, a inserção do objeto em uma realidade distinta e alocação em um novo espaço; finalmente, a comunicação, processo pelo qual ganha sentido e transmite valor cultural e educativo para o público (STRÁNSKY, 1974).

A partir das visitas de observação, constatou-se uma problemática central: a ausência de fala nas mediações e nos materiais expositivos do *Empório das Artes* tendem a tratar a presença indígena de forma superficial, reduzindo sua complexidade histórica e simbólica a descrições breves e, por vezes, folclorizadas. Essa lacuna impacta tanto a apropriação do acervo pelo público quanto às possibilidades educativas que o museu pode oferecer enquanto espaço de formação cidadã e de diálogo intercultural. Como destacam Barbosa e Alfaia (2021), a educação museal deve ultrapassar a simples transmissão de informações, constituindo-se em um processo crítico capaz de valorizar múltiplas memórias e identidades.

Diante disso, o objetivo geral é compreender as narrativas que estão presentes diante do museu e, por conseguinte, estão estabelecidas nas mediações que ocorrem dentro do espaço. Como objetivos específicos, busca-se: identificar os sentidos atribuídos às peças indígenas expostas, e como esse local pode ser visto como um ambiente que proporcione a valorização da História Indígena; comparar as percepções de alunos que visitaram o espaço com as percepções de professores; avaliar em que medida as práticas de mediação contribuem para leituras críticas e contextualizadas desse local dentro do MAS; e propor encaminhamentos educativos que aprofundem a abordagem sobre a presença indígena.

A pesquisa justifica-se pela relevância pedagógica e social de refletir sobre a forma como patrimônios indígenas são apresentados em ambientes urbanos, como os



museus. Ao problematizar narrativas, busca-se contribuir para práticas museais que respeitem e estabeleçam um diálogo com a complexidade cultural dos povos originários do Pará, reforçando o papel do museu como espaço de *educação patrimonial*. A mediação museal pode se tornar uma ferramenta potente para o desenvolvimento de leituras mais críticas e inclusivas sobre o patrimônio cultural exposto.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adotou abordagens tanto quantitativa quanto qualitativa. Foram constituídos dois grupos de interlocutores sendo, alunos que já visitaram o *Empório das Artes*, para os quais foi aplicado um formulário online; e professores de contrastes e experiências diferentes, ensino superior e básico, com os quais foram realizadas entrevistas a fim de compreender como percebem o espaço e suas potencialidades educativas. Além disso, a observação participante durante o estágio supervisionado complementou o processo, permitindo confrontar os discursos coletados com a circulação efetiva dos visitantes no espaço expositivo. Assim, a investigação se delimita ao *Empório das Artes*, buscando compreender, especificamente, as representações sobre a presença indígena e a forma como são recebidas por alunos e professores.

Educação Museal: a pesquisa de opinião sobre o Empório com professores e alunos

Como cita Cássia Teixeira (2019), a educação museal perpassa uma soma de fatores como planejamento, teoria e prática para o permanente diálogo educacional entre o museu e a sociedade. Nesse sentido, partiu-se para o método, objetivando entender essa relação de diálogo no espaço a partir dos principais envolvidos no ensino-aprendizagem: estudantes e professores. Assim, deu-se a organização de um formulário online — com perguntas objetivas e subjetivas — e um roteiro de entrevista. Aquele primeiro, o qual será tratado nesse momento inicial, foi destinado a estudantes do cursinho popular Movimento de Educação Popular e Inclusiva do Jurunas (MEPIJU). O formulário foi estruturado a partir dos seguintes tópicos: Museu de Arte Sacra, visitação no espaço, *Empório das Artes*, acervo dentro do espaço e importância do ambiente enquanto museu de caráter indígena. Esta prática foi executada almejando entender a visão desses alunos para com o espaço Empório das Artes enquanto espaço museológico voltado ao acervo indígena.

O segundo, as entrevistas, foi realizado com dois professores, um do ensino básico e outro do superior, a partir de cinco perguntas que englobam três frentes: a visita, caso realizada, do espaço; as metodologias educacionais que utilizou durante o campo; o conhecimento e a apreensão do *Empório das Artes* para a história indígena. A estrutura da entrevista foi organizada com o objetivo de compreender as percepções dos professores para o local e de observar como um espaço pouco visado dentro do Museu de Arte Sacra é incluído dentro da aula prática ou visita técnica do docente.

Partindo para um primeiro momento prático, tratando dos formulários aos estudantes, foram obtidas 24 respostas no *google forms*, tendo frequências variadas de resultados de acordo com o teor da pergunta. Quando perguntados se já haviam visitado o Museu de Arte Sacra de Belém, 62% dos alunos responderam que não, enquanto 38%



afirmaram já terem ido ao local. Seguindo à pergunta posterior, quando questionados aos que visitaram o espaço se a visita foi realizada pela escola, apenas um dos contemplados pelo questionário respondeu que sim à pergunta, sendo o restante (95,8%) com resultados negativos; de modo a complementar a ideia, a pergunta seguinte deu-se a partir de quem guiou o passeio pelo espaço com os estudantes, visto que o espaço do Museu de Arte Sacra sofre um déficit de mediadores; como comprovante desta análise, o resultado a esta pergunta foi somente uma no qual houve presença de um representante para apresentar o espaço. Os dois próximos questionamentos apresentados foram se conheciam o *Empório das Artes* e se entendiam alguma importância no espaço dentro do MAS, tendo estatísticas contrastantes entre eles, apesar disso, como verificado a seguir: a primeira destas demonstrou que somente 8 dos 24 contemplados visitaram o local; entretanto, quanto à segunda pergunta, 91,7% dos participantes relataram ver importância no espaço.

Quando perguntados, subjetivamente, de que modo o espaço abordado traz reflexão para a cultura e história indígena, os alunos trazem palavras que se repetem a suas respostas: valorização, preservação e reconhecimento; tendo uma das respostas que trata do fato do local se encontrar “escondido” no espaço, por isso não agrega valor suficiente no ambiente. Como complemento, também questionados acerca de como pensam que o ambiente poderia ser mais valorizado dentro do museu, os estudantes utilizaram termos como divulgação, representatividade e visibilidade ao espaço como solução para a falta de acesso que apontaram no questionamento anterior.

Para a última pergunta subjetiva, os alunos foram questionados de que modo pensam que a arte indígena encontrada no local assume um lugar de preservação e memória desses povos indígenas. Eles retomam as palavras citadas acima para ampliar a ideia de conhecimento da história ancestral. Outras duas indagações objetivas finalizam a pesquisa pelo formulário com os alunos, sendo esses perguntados na primeira delas se acreditavam que a exposição da arte indígena é importante para criar uma valorização e compreensão de uma identidade e se consideravam os indígenas como um dos responsáveis pela construção da própria igreja na qual se constitui o museu. Nas duas as respostas deram-se de modo majoritariamente positivo, tendo 8 resultados negativos na última pergunta.

Ademais, na segunda parte da prática da pesquisa, um roteiro de entrevista foi realizado e posteriormente executado com professores tanto do ensino básico quanto do superior. Foram cinco perguntas elencadas e apresentadas aos docentes durante o diálogo. É importante salientar que, para a realização dessas entrevistas, os professores assinaram um termo de consentimento tanto para o uso de seus nomes, quanto para o uso da gravação da conversa. Os resultados coletados variam de acordo com a experiência de cada profissional convidado. Os educadores convidados às entrevistas foram: o professor Me. Luiz Kleber Leite, docente do componente curricular História da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Cordeiro de Farias e a professora Mestre Sara Suliman, professora do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Pará (DFCS/UEPA).



Em um primeiro momento, quando perguntados acerca de suas impressões sobre o espaço enquanto ambiente museológico, primeiramente, o professor Kleber Leite destaca uma ótima conservação e preservação no complexo da Igreja de Santo Alexandre em geral, tendo uma linguagem didática e um circuito que contempla as intenções dos turistas que visitam o espaço, observando curiosidades do cotidiano desse passado histórico diante do acervo bem fundamentado e pesquisado nas obras, segundo seu relato. O professor continua respondendo à primeira pergunta destacando a divisão do museu em três partes, os quais propõem um diálogo do passado com o presente e demarca o espaço da igreja como bom de visitar, entretanto devido a iluminação de caráter barroco do local, há a necessidade do guia turístico para se entender as especificidades do ambiente. Em consonância, a professora Sara destaca que, de fato, é um bom espaço para o turismo e corresponde a certas demandas em que lhe são pontuadas, entretanto, observa pouco cuidado de preservação no local, e este como pouco contextualizado historicamente, focado na visão jesuítica e no silenciamento dos demais sujeitos que não compõe a história oficial; devido a esta questão, algumas peças são mais valorizadas — propositalmente — do que outras por conta do espaço ao qual são configuradas dentro do museu, o que propõe um direcionamento visual e sensorial específico para quem visita. Além disso, a historiadora destaca também que, enquanto pesquisadora e professora, compreende que faltam elementos para uma total imersão no ambiente museológico, voltado mais para um senso estético de cultura católica ocidental marcada no contexto paraense.

Quando questionados se já haviam visitado o acervo do *Empório das Artes*, primeiramente, a docente relata que sim, tendo no ano passado sido sua última, de modo que sua primeira visitação foi por acaso ao local, muito por conta da sala ser recente no acervo, achando-o esteticamente bonito, mas descontextualizado e desconexo ao restante do museu, sendo adentrado “por tabela” seguindo a lógica do circuito do acervo, mas que deveria obter maior destaque dentro do ambiente museológico. Para o segundo professor, considera o espaço bom de visitar, com uma galeria vinculada aos povos indígenas, o que, como relata, há dez anos não se tinha no espaço, no mesmo modo em que a professora salienta. Trata que a galeria surge como retratação histórica para os indígenas que eram representados antigamente enquanto seres catequizados sem identidade, demonstrando agora uma riqueza histórica, artística e cultural para além do colonizador.

Essa relação se torna visível nas argumentações utilizadas pelos entrevistados. O acaso, ou até mesmo a presença tardia da sala no museu, evidencia como o *Empório* é marcado por um silenciamento e por uma baixa visibilidade da história indígena no contexto museal. Embora já estando presente, marca certo descuido, podendo ser explicitado em sua organização: onde os artefatos indígenas encontram-se expostos atrás de vitrines, bem conservados, mas sem explicações detalhadas sobre sua origem e importância cultural. As peças são apenas nomeadas de maneira genérica, sem informações adicionais, o que reforça a priorização de um conhecimento centrado na herança europeia — como a própria professora enfatiza.

Em outra pergunta, quando questionados se já visitaram o espaço com seus alunos, o professor Kleber Leite respondeu que no projeto no qual desenvolve na



escola, foi diversas vezes ao MAS com os estudantes e algo que observou é como os alunos ficaram surpresos com o local, observando a arte sacra colonizadora em maior quantidade do que o espaço do *Empório*. Este aspecto se torna curioso, pois o que se considera “fator estético” acaba impulsionando a contemplação – facilitada, ainda, pela caracterização e disponibilidade de informações relacionadas aos outros objetos presentes no Museu de Arte Sacra. Sendo por meio da exposição de peças ainda utilizadas no meio religioso e a possível familiaridade cotidiana com esses elementos; entretanto, o *Empório* também foi analisado durante a visita, a qual foi guiada pelo profissional do local, mas com algumas intervenções do professor.

Para a docente, entretanto, a visitação na área não era prevista, visto que antes de inaugurar aquele acervo, aquela parte do museu não possuía função de visita. Durante o diálogo com os alunos, estes questionaram o porquê daquele material arqueológico ficar no âmbito indicado e a maioria sem identificação; a partir das próprias perguntas dos estudantes, a professora questionou de forma propositiva se o espaço pontuado produzia uma representatividade indígena com informações concretas e se aquele ambiente da galeria seria suficiente para relacionar a presença desses povos em meio ao Museu de Arte Sacra.

Diante da pergunta sobre as práticas educacionais das quais utilizariam para tratar do *Empório das Artes* com os discentes, a professora Sara observa a importância de deixar os estudantes terem sua própria experiência, terem o senso de olhar e observar os detalhes que mais lhes chamam a atenção dentro do espaço. E a partir disso, entender os lugares de silenciamento e os processos de ocupação. Ela destaca também que realizar uma atividade com os alunos mostra-se de grande resultado positivo ao diálogo, na qual eles se dividam em grupos e produzam apresentações sobre o local; demonstrando, dessa forma, uma reflexão desses ambientes para a sala de aula, objetivando entender o cotidiano à época, a presença jesuítica, a elitização da qual o museu é apresentado atualmente e a própria influência do local na marginalização de sujeitos presentes nessa história. De mesmo modo, o professor Kleber salienta a observação e a imersão no espaço como ponto máximo das aulas práticas de visitação, tendo um momento posterior também relacionado a uma atividade em sala de aula, um relatório realizado pelos estudantes com os pontos altos e baixos da visitação e diálogo acerca do espaço com o docente. No mais, o professor explica que acredita haver necessidade de uma aula anterior à prática para contextualizar os estudantes sobre o local, além da criação de um roteiro com o passo a passo da visitação para contemplar o espaço de modo geral.

As metodologias educacionais propostas pelos professores contribuem de modo significativo com a prática. De acordo com Circe Bittencourt (2011), os professores de História devem buscar novas formas e metodologias para o ensino do conteúdo, e a realização de visitas acompanhadas de reflexões escritas contribui para que o aluno vivencie e se aproprie da história de forma concreta. Embora os relatórios realizados pelo professor Kleber não tenham sido acessados nesta pesquisa; e nem por meio da condução da atividade recomendada pela professora Sara, evidencia-se, no entanto, a necessidade de uma preparação prévia, por meio de uma aula introdutória, que contextualiza o espaço e orienta o percurso de visitação. Mas ressalta-se, também,



a importância de fomentar nos discentes a própria concepção quando tratadas de ampliar os assuntos históricos para além dos indivíduos narrados e apresentados oficialmente.

E, partindo para a última pergunta, quando questionados de que modo os acervos no *Empório* contribuem para a história indígena dentro do contexto turístico do centro de Belém, os professores refletem de maneira similar no espaço enquanto local limitado, com pequena contribuição e breves apresentações da cultura indígena, limitando a presença nativa ao processo de colonização, não tão somente no MAS, mas também outros de Belém — como o caso do Forte do Castelo com a sala Guaimiaba —, visto como uma alegoria ou um complemento ao restante do espaço. O professor Kleber finaliza sua participação na pesquisa destacando que nesses espaços muito se vê pesquisadores não indígenas tratando da cultura indígena, mas pouca representatividade de figuras dentro do museu. Enquanto a professora Sara pontua que, apesar de pequeno, seria suficiente a área para trazer mais acervos voltados à cultura indígena e do negro, de modo que as documentações e as fontes atuais são aptas a serem utilizadas nessa narrativa histórica invisibilizada. Observando no *Empório das Artes* um espaço com características de possíveis interações com os turistas, o que não é visto no museu em geral por se tratar de um acervo secular. Sua participação finaliza trazendo possibilidades ao *Empório*, como um museu com experiência sensorial, de passagem de filmes e partes para bater foto, chamando o público para esta área do museu.

A visita ao MAS: percepções e reflexões a partir da contemplação

A visita realizada no Museu de Arte Sacra, e, consequentemente, no espaço contemplado neste artigo, o *Empório das Artes*, possibilita compreender a lógica instituída no interior dos museus, evidenciando as percepções, as narrativas e os grupos sociais que se busca evocar na constituição do espaço expositivo. Tal compreensão pode ser observada a partir das respostas ao formulário aplicado aos educandos, que representam o sujeito em formação, e aos profissionais da educação, que são os mediadores desse processo. Ademais, a observação do museu, relatada pelos participantes supracitados, revela o importante papel da instituição como um espaço de educação não formal.

Os espaços museológicos, em sua totalidade, configuram-se como aliados significativos dos educadores, permitindo o diálogo com processos históricos, culturais, políticos e econômicos em sala de aula. Desse modo, contribuem para aproximar o aluno do conteúdo de forma mais dinâmica e informal, deslocando-o de uma percepção sensorial para uma experiência interpretativa capaz de elucidar narrativas. Ainda que a distância temporal seja particular, torna-se possível promover maior imersão e a construção de perspectivas próprias a partir do ponto de vista do educando. Contudo, é importante ressaltar que a própria configuração do espaço museológico remete a uma determinada objetividade. Conforme destaca Ricardo Pacheco (2010), os objetos preservados em monumentos e museus



São alegorias do passado que se deseja lembrar. Isso significa que eles não são o próprio passado, mas objetos culturais selecionados e ordenados para produzir um discurso sobre o passado que atenda às demandas da comunidade de evocar o seu passado (PACHECO, 2010, p. 146).

Assim como aponta Pacheco (2010), as seleções narrativas dos espaços museológicos permitem observar a forma como são disponibilizados os elementos ali presentes, definindo diálogos com passados socialmente escolhidos, mas que nem sempre atendem às demandas do corpo social em sua totalidade.

O *Empório das Artes* insere-se nessa controvérsia espacial, uma vez que se percebe a presença dos povos indígenas como contribuintes, atuantes e formadores do passado belenense, estabelecendo uma comunicação com obras de caráter estritamente colonizador. Contudo, essa comunicação torna-se falha diante da disposição das peças no museu, marcada por um afastamento estrutural. Esta configuração é percebida quando permeada por uma sala reservada que, na maioria das vezes, não se integra ao circuito principal, conduzindo o visitante prioritariamente às áreas destinadas à Igreja. Disposto nesta parte, privilegia-se uma visão barroca das obras coloniais, que se estende para o andar dos objetos litúrgicos e se encerra no hall de entrada. Dessa forma, evidenciando que a estrutura museológica se torna mais do que um espaço expositivo, constitui-se como um campo de disputa simbólica sobre quais memórias e identidades são legitimadas e visibilizadas.

O *Empório das Artes*, utilizado com o intuito de promover uma breve representação da população indígena, mostra-se relevante ao buscar retratar elementos pertencentes e distintivos de sua própria cultura, exteriorizando a presença de sujeitos que compõem este passado histórico da região, bem como a permanência nativa na terra. No entanto, é justamente por meio dessa tentativa de representação que se evidencia uma imprecisão do Museu: a seletividade dos elementos expostos, como também aponta a professora Sara em sua participação, acaba por propiciar o silenciamento das vozes indígenas. Diante disso, cabe-nos questionar: os elementos expostos atendem à diversidade cultural dos grupos étnicos? Há uma preocupação museal em representar as peças e suas formas distintas de entendimento?

Essas inquietações permitem perceber a existência de um silenciamento, manifestado na ausência de distinção entre os itens expostos, aos quais se atribui um caráter genérico. É por meio desta prática que se pode levar — ou mesmo perpetuar — a ideia de homogeneização dos povos indígenas, tratando suas características, culturas, percepções, identidades e coletividades como partes iguais, o que, em última instância, contribui para o apagamento da diversidade.

O campo educacional tem como objetivo promover uma maior aproximação dos conteúdos, não apenas em relação à historiografia oficial presente no ensino tradicional, mas também no sentido de estimular nos alunos a capacidade crítica de observar e questionar os sujeitos sociais que, muitas vezes, não são retratados como “heróis” nos materiais didáticos. Tal perspectiva ultrapassa o âmbito do meio educativo formal, estendendo-se à comunidade como um todo, para que esta reconheça os indivíduos que contribuíram para a construção local, regional e nacional. Segundo



Schmidt, “a valorização do local no interior do nacional permite a elaboração de uma história plural, menos homogênea e que não silencie especificidades” (SCHMIDT, 2007, p. 194-195).

Para tanto, é necessário constituir uma narrativa que contemple não apenas a memória individual, mas também a memória coletiva, capaz de sustentar o desenvolvimento dessa identidade. A memória coletiva atua como um elemento essencial para o reconhecimento daquilo que pertence à própria sociedade, considerando que, a partir da criação e da seleção de “objetos culturais significativos para aquela comunidade”, estes passam a atuar como “metáforas que dizem aos membros quem somos ‘nós’ em relação ao ‘outro’” (FUNARI, 2006 apud PACHECO, 2010, p. 145).

Isso pode ser percebido pelo próprio nome atribuído ao espaço *Empório das Artes*, cuja designação não apresenta qualquer indicativo de relação direta com uma cultura originária. Tal escolha conduz o visitante à própria semântica da palavra “empório”, remetendo à ideia de um grande armazém de artes ou mesmo a um espaço voltado à comercialização de peças. Essa nomenclatura, ainda que aparentemente neutra, acaba por reforçar um olhar eurocêntrico sobre o que se entende por “arte”, ao privilegiar uma concepção estética e cultural enraizada em valores ocidentais e coloniais. O que segundo aponta Maria da Graça Setton e Mirtes de Oliveira, essas percepções nos espaços de educação não formais potencializa uma baixa frequência social as visitas em museus, seja de artes ou ciências, devido a uma retratação dos espaços a partir de um “privilegio dos segmentos mais escolarizados”, isso acaba por “retratar essas instituições como exclusivas [o que] auxilia subjetivamente e de maneira imperceptível na construção de um imaginário de que os artefatos ali em curso seriam de difícil apreensão e compreensão” (SETTON; OLIVEIRA, 2017, p. 16).

Dessa forma, evidencia-se uma limitação não apenas na representação simbólica do espaço, mas também na compreensão de que a pluralidade artística não se restringe à diversidade de objetos presentes no acervo, e sim à valorização dos grupos étnicos responsáveis pela produção dessas expressões culturais. Reconhecer essa dimensão significa romper com o paradigma tradicional de arte enquanto produto elitizado e desvinculado de seu contexto de origem, passando a concebê-la como manifestação viva, coletiva e identitária.

Ademais, é perceptível outras relações com os problemas levantados. No caso do formulário aplicado aos estudantes, a maioria demonstrou não conhecer a localidade, em razão do pouco destaque dado ao espaço e do descaso do poder público, somados à falta de iniciativas educacionais que incentivem o conhecimento sobre a própria cultura e história. Um detalhe relevante é que esses estudantes pertencem a um bairro periférico que não se encontra distante do Museu de Arte Sacra (MAS), embora o local seja desconhecido pela maior parte deles.

O único estudante que visitou o museu por meio de uma excursão escolar relatou que a experiência não foi particularmente interessante ou bem estruturada, sobretudo pela ausência de profissionais de turismo no MAS. Isso acabou deixando o aluno à mercê de si mesmo para explorar os aspectos culturais e históricos do espaço,



sem qualquer orientação prévia. Essa visita ocorreu, assim como a de outros alunos, por meio do programa “Noite no Museu”, promovido pelo Governo do Estado do Pará, que prevê entrada gratuita em espaços museológicos. Muitos aproveitaram a oportunidade apenas para passar um tempo com a família ou com o(a) parceiro(a). Contudo, mesmo com essa proposta, o restante dos alunos não considerou o programa atrativo, seja por desconhecimento do espaço, seja pelo fato de a atividade ocorrer em horário noturno, além da dificuldade de transporte público neste período. Esse cenário evidencia mais uma falha na política pública voltada à cultura.

Ainda em relação ao questionário, destaca-se a baixa visitação ao *Empório das Artes*. Essa escassa frequência se deve, em grande parte, à falta de divulgação, de guias turísticos e à desmotivação dos poucos profissionais existentes, que muitas vezes não demonstram preparo ou interesse em apresentar o espaço. Apenas em casos de grupos numerosos, com visitas agendadas previamente, há maior engajamento. Essa situação pode decorrer tanto da ausência de formação específica quanto das condições de trabalho precárias e dos baixos salários, que desestimulam os trabalhadores. O fato é que a carência desses profissionais prejudica o reconhecimento do espaço e afasta o interesse tanto dos turistas quanto da própria população local.

Por fim, ao ser questionado sobre se o acervo contribui para uma representação da história indígena no contexto turístico de Belém, o professor afirmou que, embora o espaço exista, ele ainda recebe pouco destaque. Isso ocorre porque a exposição privilegia uma perspectiva europeia do período colonial, com escassa referência a visões e autores indígenas. As referências teóricas e as figuras representadas são, em sua maioria, de origem colonizadora, o que reforça a invisibilização dos povos indígenas e a persistência de uma narrativa histórica excludente. Todavia, o professor ressalta que essa realidade não se limita ao MAS, mas se estende a diversos outros espaços turísticos da cidade de Belém.

Assim, amplia-se a necessidade de repensar o papel dos museus, que devem se distanciar da condição de locais meramente turísticos ou conservadores de uma arte dominante, para se tornarem espaços abertos à contemplação de todas as camadas sociais. Nessa perspectiva, o museu se consolida como um agente formador, educativo e de compartilhamento de saberes, portador de uma bagagem histórica e cultural que, por meio da aproximação com as peças expostas, possibilita o reconhecimento das múltiplas identidades e memórias que compõem a sociedade.

Iniciativa esta que perpassa o domínio dos educadores e do próprio corpo social, alcançando, em grande medida, o instituto responsável e as autoridades competentes. Haja vista que, conforme antecipado pelos professores, essa realidade não se restringe ao Museu de Arte Sacra e ao espaço destinado ao *Empório das Artes*, mas estende-se a diversos outros museus que integram o conjunto patrimonial de Belém.

Destacando-se o Museu de Arte Sacra (MAS) como patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), cabe-lhe uma readequação conceitual, o que segundo Cláudia Adriana Teixeira (2008) uma vez que sua função deve ir além da conservação e da coleta de objetos. É necessário que assuma um papel ativo na valorização das pluralidades culturais, promovendo uma educação



patrimonial que reconheça e legitime as múltiplas identidades presentes na formação histórica da sociedade.

Considerações Finais

Desse modo, a partir da análise apresentada e do trabalho de campo executado, pode-se observar que a relação do *Empório das Artes* com os estudantes contemplados no formulário demonstra-se de caráter longínquo, apartado tanto pelas condições às quais está inserido no museu, como fatores do ambiente, tal qual iluminação e a localização da galeria. Nesse sentido, o diálogo não ocorre de maneira direta tanto com estudantes do ensino básico, quanto com a movimentação turística em geral no acervo, o que evidencia algumas respostas aos questionamentos empregados na produção dessa pesquisa, como propriamente o objetivo ao qual ela se institui. A partir dessas 24 respostas, compreende-se que não há de fato valorização do espaço no modo em que este está instituído dentro do MAS, delimitando-se a ser uma área majoritariamente comercial e de curiosidade extra do que formalmente um espaço que atenda ao arcabouço indígena fruto das estruturas históricas do Museu de Arte Sacra.

Assim, as entrevistas realizadas com os docentes confirmam as percepções identificadas nas respostas dos estudantes, apontando para a ausência de ações educativas consolidadas e de mediações que promovam uma leitura crítica do acervo indígena presente no *Empório das Artes*. As falas dos professores evidenciam que, embora o espaço possua potencial para atuar como instrumento de valorização cultural e de reconhecimento das identidades originárias, ele ainda se encontra inserido em uma estrutura museológica que privilegia uma narrativa eurocêntrica e única, sacralizada na história. Tal configuração perpetua, portanto, práticas de silenciamento e exclusão de outras presenças e narrativas históricas dentro do museu.

Por fim, constata-se que a problemática apresentada não se restringe à disposição física do acervo ou à carência de infraestrutura, mas relaciona-se, sobretudo, a uma concepção histórica e institucional que ainda marginaliza as expressões culturais indígenas. Nesse sentido, torna-se imprescindível a adoção de políticas museológicas que promovam a reinterpretação do patrimônio à luz de uma educação patrimonial crítica, capaz de reconhecer o museu como espaço de memória e de disputa de significados. A integração entre práticas educativas e ações curatoriais voltadas à diversidade étnico-cultural pode, portanto, ressignificar o *Empório das Artes*, transformando-o em um ambiente que fomente o diálogo intercultural e o protagonismo dos povos indígenas na construção das narrativas sobre a Amazônia.

Referências

BARBOSA, Helena Doris de Almeida; ALFAIA, Natália Andrielly Trindade. A educação patrimonial no Museu de Arte Sacra de Belém (PA): realidade e perspectivas para o turismo. In: JÚNIOR, José Petrucio de Farias *et al.* **História, Arqueologia e Educação Museal: Patrimônio e Memórias**. Teresina-PI: EDUFPI, 2021.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MELO, Iaci Iara Cordovil de. **A pintura e a escultura jesuítica da Igreja de São Francisco Xavier (ou Santo Alexandre) em Belém do Pará**. Monografia (Especialização em Cultura e Arte Barroca) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2010.

NASCIMENTO, Edith Adriana Oliveira do. Etnografia da exposição de muiraquitãs no Museu de Arte Sacra de Belém. **Caderno 4 Campos**, Belém: Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPA, v. 1, n. 2, p. 69–73, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/campos>. Acesso em: 4 out. 2025.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museus e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 30, n° 60, p. 143-154, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/kzjDrTkL3qCWxkpX7bnwYdd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2025.

PENHA, Cássia Teixeira da. **Museu de arte sacra de Pernambuco: seu histórico e seu acervo**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História, p. 15-32, 2019.

SETTON, Maria da Graça J.; OLIVEIRA, Mirtes Marins de. Os museus como espaço educativo. **EDUR -Educação em Revista**, Belo Horizonte, n° 33, p. 1-23, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/SfB5b6yVHgCjktwVdXJ6x7Q/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 09 out. 2025.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: MONTEIRO, Ana Maria F. C. GASPARELLLO, Arlette Medeiros, MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Ensino de História: Sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Maud X, 2007.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. Brno: Education in Museology. **Museological Papers V**, Supplementum 2, 1974.

TEIXEIRA, Cláudia Adriana Rocha. A educação patrimonial no ensino de história. **BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 22, n° 1, p. 199-211, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/868>. Acesso em: 09 out. 2025.